


SOCIABILIDADE EM REDES SOCIOTÉCNICAS: apropriações e reconfigurações

SOCIABILITY IN SOCIOTECHNICAL NETWORKS: appropriations and reconfigurations

SOCIABILIDAD EN REDES SOCIO-TÉCNICAS: apropiaciones y reconfiguraciones


Geilson Fernandes de Oliveira

Doutor em Estudos de Mídia (UFRN). Professor do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pesquisador do INCT-CPCT-Fiocruz. geilson.fernandes@gmail.com

 0000-002-3278-4044

Maria das Graças Pinto Coelho

Doutora em Educação. Professor Titular do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Mídia (PPGEM/UFRN). ricardogomesbio@gmail.com

 0000-002-6820-008X

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo promover reflexões sobre o conceito de sociabilidade, atentando, especialmente, para as suas apropriações e reconfigurações no que diz respeito a sua emergência no contexto das redes sociotécnicas, isto é, compreender as suas manifestações e nuances diante do cenário da sociedade da informação e em rede. Para tanto, são realizadas discussões sobre este fenômeno, articulando os debates desenvolvidos por Simmel (1983; 2000; 2006) e alguns de seus comentadores, bem como de outros autores que debatem sobre este conceito diante dos processos tecnológicos e informacionais que redimensionam as relações sociais, tais como Castells (1999; 2003), Santos e Cipriano (2014), Recuero (2008; 2009), entre outros. Com efeito, observam-se que as alterações em torno das sociabilidades engendradas em redes sociotécnicas trazem em si, apesar das reconfigurações, elementos-base de seus processos, os quais são reapropriados e favorecem a sua maior circulação e consolidação.

PALAVRAS-CHAVE: Sociabilidade; Sociabilidade em rede; Reconfigurações

Recebido em: 20.03.2024
Aceito em: 10.12.2024.
Publicado em: 03.06.2025

Introdução

Nas sociedades contemporâneas, fortemente marcadas pela virtualização e digitalização de seus processos, as formas de ser, estar e se comportar são constantemente modificadas, haja vista a acelerada emergência de novas informações e tecnologias. Nesse contexto, os modos de estar com o outro também passam por transformações. Hoje, muitas das formas de se relacionar e estar com esse outro são mediadas pelas tecnologias, como acontece no caso das conversas promovidas por meio de aplicativos ou *sites* de redes sociais, por exemplo. Nestes, formas de interação e troca passam a prescindir da partilha de um mesmo espaço e tempo para a formação de sociabilidades.

Entendida como elemento base para a formação e desenvolvimento das sociedades, a sociabilidade, segundo Simmel (1983; 2000; 2006), diz respeito às formas de estar com o outro, para o outro ou até mesmo contra o outro. E é sobre esse fenômeno que se dedica este trabalho, o qual se propõe a realizar discussões sobre o conceito de sociabilidade, pensando-o tanto a partir de seus modelos mais “tradicionais”, baseados nas relações face-a-face, quanto nas suas reconfigurações frente ao surgimento e consolidação das redes sociotécnicas¹. Nessa perspectiva, é de interesse perscrutar acerca dos sentidos em torno do conceito de sociabilidade, bem como dos seus usos, apropriações e reconfigurações no cenário contemporâneo, quando as formas de sociabilidade se redimensionam.

Para tanto, procede-se a uma revisão bibliográfica sobre o conceito, bem como se realiza, a partir dela, reflexões com vistas a se entender de que sociabilidade estamos falando hoje, haja vista o entendimento de que a realidade é múltipla e a sociedade e as formas de sociabilidade, como bem pontuou Simmel (1983), não são dadas e muito menos estanques.

Sociabilidade: premissas e definições

Embora o conceito de sociabilidade seja central para que se possa pensar sobre as relações que se estabelecem na vida em sociedade, é notável a inexistência de uma definição que dê conta de todas as suas minúcias e características. Conforme Cipryano (2013, p. 97), o termo comumente refere-se a ordens de significação relativas à uma qualidade de ser sociável, um tipo de inclinação para a coletividade ou uma capacidade de colocar em exercício determinadas regras de convívio.

A partir dessas características, identifica-se que a sociabilidade está relacionada ao estar com o outro, envolvido em um ato em que há o compartilhamento de determinada situação por meio dos processos de interação. Na vida cotidiana, o exercício da sociabilidade se dá, então, a partir das trocas que os indivíduos estabelecem e fomentam entre si, demarcando um cenário em que se efetiva a reciprocidade entre os sujeitos envolvidos naquele contexto de ação. De acordo com Maffesoli (1987), a sociabilidade diz respeito a vivência compartilhada entre os sujeitos, o que se estende para a partilha de determinados valores, comportamentos e emoções, expressando uma multiplicidade de formas de “estar junto com”. Nesse sentido, a sociabilidade está

¹ Conforme Cebrian (1999), as redes sociotécnicas não dizem respeito apenas a uma rede de computadores ou um aglomerado de pessoas, mas a uma interconexão entre seres humanos, a qual é possibilitada e mediada por meio das tecnologias.

relacionada com a construção de um lugar “comum” entre as partes envolvidas, mesmo que seja momentaneamente.

Em um constante processo de produção, nunca sendo inteiramente dada, a sociabilidade, na concepção de Simmel (1983) – um dos mais importantes intelectuais que se dedicaram sobre essa questão – diz respeito a uma forma de sociação, entendendo esta última como “[...] a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses” (Simmel, 1983, p. 166), as quais “[...] quer sejam sensuais ou ideias, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas” (Simmel, 1983, p. 166). Enquanto forma, é o processo de sociação que irá possibilitar a tessitura das relações e seus conteúdos, assim como favorecer a manutenção da sociedade, vista pelo autor como resultante das ações e reações dos indivíduos entre si, ou seja, as suas interações.

É justamente esse um dos pontos mais inovadores do pensamento do sociólogo: a sua noção de sociedade. Simmel (1983) evita enxergá-la como uma totalidade dada ou estanque, o que também faz com o conceito de sociabilidade. Em sua concepção, esses conceitos podem ser tomados mais como processos, algo que está em um *continuum* fazer-se, nunca acabado. À vista disso, para o autor, é imprescindível se ter em mente que os seres humanos estão atrelados ao fato de viverem em ação recíproca uns com os outros, assim formando a sociedade, que só é possível devido a existência das formas de sociação, o *a priori* lógico que a possibilita (Moraes Filho, 1983, p. 22; Simmel, 1983, p. 61), uma vez que os processos de sociabilidade dizem respeito ao jogo pelo qual se faz a sociedade, já que “[...] a própria sociedade em geral se refere à interação entre indivíduos” (Simmel, 1983, p. 165).

Entendida pela perspectiva simmeliana como uma forma pura de sociação, denotando uma apropriação dos tipos ideais weberianos, a sociabilidade é tomada como uma forma ideal típica em que interações mútuas ocorrem. Como parte do processo social básico, o conceito de sociação revela o dinamismo que compõe a vida social, não podendo ser confundida com associação ou socialização, já que se refere não aos conteúdos, mas as formas pelas quais os indivíduos interagem, só podendo haver sociação quando indivíduos antes isolados passam a se relacionar, a ser com e para o outro (Simmel, 1983). Além disso, a sociação pode ser de graus variados, conforme o nível de intimidade que perpassa a interação, “[...] desde a união efêmera para dar um passeio até a família, desde as relações por prazo indeterminado até a pertinência a um mesmo estado, desde a convivência fugitiva num hotel até a união estreita de uma

corporação medieval” (Simmel, 1983, p. 60), a depender de seus conteúdos, que nesses cenários correspondem aos propósitos ou impulsos pelos quais os indivíduos são levados a agir mutuamente, envolvendo tudo o que pode estar presente nos processos de interação entre os indivíduos.

Esses conteúdos também não são pré-determinados, se efetivando nos momentos em que as trocas emergem, podendo “[...] engendrar ou mediar influências sobre outros, ou que receba tais influências [...]” (Simmel, 1983, p. 166). As formas pelas quais as sociabilidades se efetivam, por sua vez, reforçam a premissa de fluxos interacionais mútuos entre indivíduos, no sentido de que o estar com um outro, para ou contra um outro é visto como o objetivo principal, propiciando a partilha e satisfação em torno dos vínculos estabelecidos.

Os vínculos se compõem, outrossim, a partir dos propósitos objetivos e/ou subjetivos, permitindo formas distintas e muito próprias de constituição das ações recíprocas que costuram as sociabilidades, afirma Simmel (1983). A composição desses vínculos, muitas vezes, se dá a partir de necessidades específicas, como fazem os homens que se unem em associações econômicas, irmandades de sangue, sociedades religiosas e/ou quadrilha de bandidos, argumenta Simmel (1983, p. 168), evidenciando a questão da reciprocidade, assim como ocorre nas outras formas de sociabilidade, baseadas por um sentimento de satisfação entre os membros relacionados de estarem sociados.

Além do vínculo e da partilha de um sentimento de satisfação por estar sociado, outra característica concernente ao conceito de sociabilidade apontada por Simmel (1983) é o seu caráter lúdico, condição necessária para que a sociabilidade possa cumprir seu propósito, já que “[...] seu alvo não é nada além do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele” (Simmel, 1983, p. 170). Todavia, o lúdico não deve ser pensado como correspondente a uma espécie de ausência da realidade, mas uma estratégica abstração de determinados contextos e relações para que as trocas possam transcorrer de forma exitosa. Nos processos de interação, o seu desenvolvimento se dá considerando algumas qualidades que possam estimular uma relação mais harmônica, como refinamento, cordialidade, amabilidade, etc., com vistas a não ressaltar de maneira demasiada as personalidades envolvidas, desvelando mais uma vez a confecção e manutenção de um jogo pelo qual a sociedade é produzida.

Como base das formas de sociação, a ludicidade se expressa e pode ser entendida também quando das análises empreendidas por Goffman (1999) sobre a representação do eu na vida cotidiana, a partir das quais o autor reflete sobre os jogos de cena ativados pelos atores para construir e manter suas personas públicas, de modo que

nestes processos o lúdico é acionado para promover coerência para as interações e trocas sociais que também constituem a sociabilidade.

Com isto, é esperado que as trocas realizadas entre os envolvidos se deem de forma equilibrada, pois em sua forma pura, um dos atributos chave da sociabilidade é a busca de uma ação recíproca, daí a importância de seu aspecto lúdico, no sentido de que “a sociabilidade é o jogo no qual se “faz de conta” que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e “fazer de conta” não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade” (Simmel, 1983, p. 173). O sentido de desvio da realidade, nesse caso, diz respeito ao fato de que nos processos de interação os sujeitos não se colocam por inteiro (mesmo quando se dizem o mais verdadeiro possível), mas obedecem a preceitos determinados que os fazem se colocar de uma forma e não de outra, cabendo mencionar que este caráter não remete a uma negação ou falseamento do real, mas a sua construção alicerçada justamente na ludicidade dos processos sociais, haja vista que as vivências e linguagens do cotidiano são por ela permeadas.

É o aspecto lúdico inerente às formas de sociação que confere às relações sociais o sentido de jogo. A percepção de jogo social implica dizer que através dos diversos modos de apropriação, os indivíduos partilham e fazem uso de suas formas de interação como se fizessem parte de um jogo. E o seu significado sociológico, imbuído de uma ludicidade manifesta, também parece ser igualmente compartilhado. Ser ou estar sociado, neste sentido, é estar imerso no jogo que assegura e sustenta a vitalidade da sociedade. Porém, os limiares desse jogo ou da própria sociabilidade em sua forma pura se tornam visíveis quando há uma violação quanto ao uso do lúdico, melhor dizendo, quando os sujeitos interagem motivados não pela satisfação do estar juntos, mas “[...] por propósitos e conteúdos objetivos e quando seus aspectos subjetivos e inteiramente pessoais se fazem sentir” (Simmel, 1983, p. 171). Nesses casos, o objetivo da interação deixa de ser a sociabilidade propriamente dita, se tornando uma conexão “formalista e superficialmente mediadora”. Há, assim, uma reconfiguração em torno dessa interação, o que não quer dizer que deixe de se caracterizar como um tipo de sociabilidade, sendo mais uma alteração no que diz respeito ao afastamento de seu modelo ideal típico proposto por Simmel (1983).

A conversação é uma prática elucidativa dessas dinâmicas interativas que compõem e dão relevo para a sociabilidade enquanto uma forma lúdica de sociação. Enquanto uma das formas mais básicas em que a sociabilidade se manifesta, a conversação, segundo Simmel (1983, p. 176), é “[...] o veículo mais genérico para tudo

aquilo que os homens têm em comum”, sendo o instrumento mais extenso e utilizado nas trocas simbólicas durante toda a vida humana em sociedade. Como uma forma pura de sociabilidade, na conversação, o conteúdo é indispensável.

[...] na seriedade da vida, as pessoas conversam por causa de algum conteúdo que querem comunicar ou sobre o qual querem se entender, enquanto que numa reunião social, conversam por conversar. No primeiro caso, a conversa atinge seus verdadeiros fins, mas não no sentido naturalista que faria dela mera tagarelice, mas como *arte* da conversação, que possui suas próprias leis artísticas. Numa conversação puramente sociável, o assunto é simplesmente o meio indispensável para a viva troca de palavras revelar seus encantos (Simmel, 1983, p. 176).

Como visto, diferentes modos de conversação revelam distintos graus de sociação. Por conseguinte, a conversação se demonstra como um tipo de interação valiosa que pode demonstrar variados aspectos sobre a produção de vínculos e sociabilidades. Simmel (1983, p. 177) chega, inclusive, a afirmar que dentre todos os fenômenos sociológicos, com exceção do “olhar um para outro”, a conversa seria a forma mais elevada e pura de reciprocidade. O seu propósito não estaria tão somente no tema da conversa, mas na conversação em si mesma, pois o assunto debatido só tem importância quando traduz o prazer do encontro com o outro, o que explicaria o fato de nos momentos em que se contam anedotas ou piadas, ser o mais relevante não os conteúdos do que foi contado, mas o estar juntos, forma pura de sociação igualmente cimentada por meio do lúdico. “A conversa é desse modo a realização de uma relação que, por assim dizer, não pretende ser nada além de uma relação – isto é, na qual aquilo que usualmente é a mera forma de interação torna-se seu conteúdo auto-suficiente” (Simmel, 1983, p. 177).

Considerando as condições de produção de seus escritos, é válido destacar que Simmel (1983; 2000) refere-se especialmente as sociabilidades estabelecidas a partir das relações face-a-face, haja vista a inexistência da grande maioria dos dispositivos tecnológicos e midiáticos contemporâneos em sua época, a partir dos quais outras formas de sociabilidade têm sua irrupção. Porém, isso não quer dizer que muito do seu arcabouço teórico desenvolvido e aqui discutido perca a sua validade. Muito pelo contrário, tais mudanças demonstram ainda mais a proficuidade dos escritos do autor para se entender as novas relações que se constituem atualmente, especialmente aquelas que se dão a partir das redes sociais expressas pelos *sítes* de redes sociais. De acordo com Braga (2011, p. 100), “nas redes sociais, a teoria de Simmel parece adquirir

um considerável campo de aplicação, na medida em que estes ambientes são regidos por uma dinâmica de sociabilidade, de “falar” (por escrito) pelo prazer de falar”.

A sociabilidade em rede

Na atualidade, muitos dos “jogos de sociedade” têm a sua existência em um imbricamento entre as redes sociais baseadas na co-presença e as redes sociotécnicas. Não diferente, esses “jogos de sociedade” em rede trazem consigo o caráter lúdico da sociabilidade, assim como a satisfação de estar junto com e para o outro. É fato, porém, que por terem sua emergência ou existência nas redes sociotécnicas, tais sociações podem ser vistas como fúteis, efêmeras ou superficiais, especialmente nos primórdios desse fenômeno. Hoje, alguns preconceitos ainda perduram, contudo, olhares que veem as sociabilidades em rede como formas de interação que ultrapassam o sentido de um mero passatempo atentam para o aspecto de que esta é uma forma de sociação já consolidada entre as diferentes faixas etárias (com destaque para as que são compostas por jovens). De acordo com Marques (2009, p. 2),

Na web (e também fora dela), os cidadãos constroem e se apropriam cotidianamente de alguns contextos comunicativos nos quais podem sustentar conversações a respeito de seus interesses e necessidades, desenvolvendo assim não só laços afetivos de proximidade e pertencimento, mas também capacidades de argumentação, reflexão e domínio cognitivo dos diferentes tipos de informação aos quais estão expostos.

Há, assim, a produção de outros modos de “estar junto” com os outros, mesmo que se pautem em trocas mais fluidas ou estabelecidas informalmente. Pensar essa forma de sociabilidade que emergiu com o advento da *web* e da Comunicação Mediada por Computador (CMC) ainda é, no entanto, um desafio para muitos pesquisadores, sobretudo devido a sua volatilidade e efemeridade. Em *A galáxia da internet*, Castells (2003, p. 107) formula que “a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade”. Seu argumento aparece associado à noção de que as relações sociais tiveram seu espectro ampliado a partir da comunicação à distância e em rede, o que motivou transformações nos modelos de amizade e situações de trabalho, que passaram por reconstruções importantes.

O interesse de Castells (2003) acerca das sociabilidades em rede parece estar mais associada à preocupação sobre a natureza dos laços que os sujeitos tecem por meio das tecnologias, entendidas por ele como suportes materiais dos “novos” processos de

interação. Conforme o autor, os laços das sociabilidades em rede são em sua maioria “laços fracos”, o que em suas palavras, “[...] não significa que são desprezíveis”, mas “[...] fontes de informação, de trabalho, de desempenho, de comunicação, de envolvimento cívico e de divertimento” (Castells, 2003, p. 107). Hoje, essa visão parece perder um pouco de sua validade, considerando que muitos laços, no caso “fortes”, são engendrados pelas tecnologias e suas redes. Além do mais, não se trata tanto da passagem de uma coisa para outra (aquilo que seria o território físico para outro, digital ou virtual), mas de processos complexos fomentados, sobretudo, pelas apropriações que os sujeitos fizeram e fazem dessas tecnologias, bem como a partir do próprio sentido de sociabilidade como um processo sempre em movimento e fruto de seu tempo, como já atestava Simmel (1998).

Nesse sentido, as transformações em torno das sociabilidades acarretadas pela instância da mediação aparecem também como desdobramentos dos modos de apropriação que os indivíduos fazem das tecnologias – a sua constituição não apenas como redes telemáticas, mas redes propriamente sociais. Entra em cena, dessa forma, uma mudança no que concerne a utilização da *web*, reavivando a perspectiva apontada por Lemos (2015) sobre as dimensões técnicas e simbólicas da cibercultura. Se em um primeiro momento a internet e suas funcionalidades eram utilizadas com objetivos instrumentais - como pesquisa, difusão de informações e dados, aprendizado, etc. – quando não como um modo de obter *status* social, logo passa a ter sua relevância para trocas interativas e colaborativas, quando surgem as suas redes sociais, haja vista a emergência de uma *web* com um caráter mais relacional.

O momento que marca a grande virada da *web* instrumental para a social ou relacional pode ser visto quando do surgimento da chamada *web 2.0* (O'Reilly, 2005). Comumente chamada de segunda geração da internet, a *web 2.0* é caracterizada principalmente pela abertura para a participação dos usuários da rede, potencializando as formas de organização, compartilhamento e publicação das informações, ao mesmo tempo em que também amplia os espaços e possibilidades de interação entre os indivíduos envolvidos nesse processo. Enquanto a primeira geração da *web* era marcada por *sites* caracterizados como unidades isoladas, com a *web 2.0* passa-se para uma estrutura de rede com maiores funcionalidades e integração com outros recursos. O'Reilly (2005) enfatiza, como exemplo, a passagem da publicação de conteúdos (salientando como mera emissão ou transmissão) para a participação, como ocorrem com os *blogs* e seu espaço para a produção de comentários ou sistema de assinaturas, bem distinto das páginas de internet antes estáticas e atomizadas. Com efeito, a

participação passa a ser também estimulada por meio dos novos sistemas, que vão sendo apropriados pelos sujeitos e fomentando o que alguns autores tem chamado de cultura da participação (Shirky, 2010), cultura expressiva (Allard, 2007) ou cultura participativa (Jenkins, 2008). Os modelos de interação na *web* se modificam, provocando rearranjos nas formas de sociabilidade, evocando o seu sentido de algo nunca dado ou estável.

A sociabilidade em rede traz consigo muitas das características das formas de sociabilidades marcadas pela interação face-a-face, contudo, devido as particularidades das trocas mediadas, alguns elementos acabam sendo deixados de lado, acarretando perdas efetivas para os processos interativos, o que chegou a ser inicialmente uma preocupação. Thompson (2011; 2018) aborda um pouco dessa questão ao se referir às interações mediadas e interações mediadas *on-line*. Segundo o autor, as interações mediadas implicam sempre o uso de um meio técnico (como o papel, fios elétricos, o computador, a internet, etc.), a partir do qual é possibilitada a relação, quando conteúdos simbólicos são partilhados entre indivíduos situados em espaço-tempo divergentes, prescindindo da co-presença.

Tomando como base essa perspectiva, como não há o compartilhamento dos mesmos referenciais espaciais e temporais nas trocas estabelecidas em rede, o entendimento mútuo dos conteúdos simbólicos trocados não pode ser presumido, fornecendo um estreitamento das deixas simbólicas entre os participantes (como um olhar, piscadela, movimento de sobrancelha, etc.), podendo vir a acarretar ruídos ou a produção de ambiguidades. Os sujeitos envolvidos nesses processos deverão, nesse sentido, recorrer a recursos próprios para interpretar as trocas estabelecidas, as quais podem vir a requerer maiores esclarecimentos. Grande parte dessas preocupações, todavia, parece já ter sido superada pelos próprios processos de apropriação dos elementos da rede, pois outras deixas simbólicas foram se formando com vistas a superar os ruídos comunicacionais e interativos como, a princípio, as carinhas formadas a partir de determinados caracteres para expressar estados de ânimo (=D, :(, :) , :P, :@, etc.) por meio da textualidade, agora transformada em *emoticons* dos mais variados (Recuero, 2009; 2008), recurso que reforça a perspectiva lúdica das formas de sociabilidade, uma vez que estratégias são articuladas com vistas a proporcionar o sentido da partilha de um encontro, logo, partilha também de um comum, forma de estar com o outro.

Tais aspectos são reconfigurados e explicitam estratégias e transformações do que Thompson (2018) recentemente denominou de interação mediada *on-line*, sendo a principal diferença em relação a interação mediada o fato da interação mediada *on-line*

ser orientada para uma multiplicidade de destinatários (muitos para muitos) e não um para um (Thompson, 2018, p. 20), de modo que a unidirecionalidade foi substituída pela multidirecionalidade, acarretando transformações para além das formas de sociabilidade (poder interagir com pessoas até então desconhecidas ou com várias ao mesmo tempo), também para a visibilidade dos conteúdos produzidos (a mensagem de qualquer sujeito, quando colocada no modo público, pode ser vista, comentada ou compartilhada por uma infinidade de pessoas). Os sites de redes sociais são, na visão do autor, o cenário perfeito para a interação mediada *on-line*.

Uma das características das sociabilidades em rede, especialmente considerando a interação mediada *on-line*, é o fato de que ela deixa rastros, mesmo que sejam configuradas em discursos muitas vezes difusos e dispersos. Nos *sites* de redes sociais ou aplicativos voltados para relações sociais, estes rastros são em sua maioria inscrições textuais, além de imagens e vídeos. Quando implicam em processos de interação entre sujeitos, os vestígios podem dar margem para leituras e interpretações das formas de sociação ou das trocas interativas entre os indivíduos, considerando seus interesses, motivações e escolhas, bem como apontar para a emergência de outras sociabilidades, podendo fazer falar sobre as suas mudanças no decorrer do tempo. Uma característica desses *sites* que não pode se deixar de lado, segundo Santos e Cypriano (2014) é que eles são

[...] ambientes de expressão pública de subjetividades, dão lugar a formas inovadoras de debate público, na medida em que, uma vez publicada, a informação é objeto de toda a sorte de comentários, correções, adendos, modificações, transformando a esfera pública num local em que coletivos discutem as questões de seu interesse, sem as limitações costumeiras impostas pelo tempo e pelo espaço (Santos & Cypriano, 2014, p. 74).

Como o próprio nome indica, os *sites* de redes sociais² são serviços destinados, primordialmente, para a composição de redes baseadas nas relações sociais, objetivando ampliá-las, como indica Recuero (2009). As suas formas de acesso são geralmente gratuitas e, enquanto redes de relacionamentos, a sua variedade pré-define determinados interesses de seus usuários. Existem, por exemplo, *sites* cuja finalidade é a

² De acordo com Recuero (2009), as redes sociais têm a sua existência antes e independente dos *sites* de redes sociais. A diferença entre as redes sociais convencionais (que estruturam comunidades, tribos ou outros agrupamentos tradicionais) e as redes sociais da internet está no fato de que nessas últimas os laços e interações existentes nas redes sociais tradicionais (com base nas relações face a face) são transpostos para outra ambiência, a da internet. Melhor dizendo, "sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet" (Recuero, 2009, p. 102).

formação e manutenção de redes de amigos, como o *Facebook*; enquanto outros são concebidos com fins mais específicos, visando a formação de redes profissionais, como o *LinkedIn*. Outros são específicos para o compartilhamento de vídeos, como o *Youtube*, ou dão suporte para a partilha de fotos, como o *Flickr* e o *Instagram*, ou ainda, restritos especificamente para a troca de mensagens, como o *WhatsApp* e o *Telegram*³. A especificidade do *site* de rede social vai ter influências diretas nas formas de sociabilidade que neles se formam. Em todos, porém, é válido ressaltar a promoção e cultivo de laços sociais (sejam fracos ou fortes), possibilitando redes de sociabilidade que produzem rastros datificados.

Considerando a multiplicidade dos *sites* de redes sociais, bem como os seus objetivos e conteúdos, Keenan e Shiri (2009, p. 439) os classificam a partir de duas categorias: *sites* de redes sociais focados em pessoas e *sites* de redes sociais focados em atividades. O primeiro conjunto se refere aqueles *sites* que enfatizam a interação social principalmente por meio de conteúdos pessoais, em sua maioria centrados em torno de perfis particulares (como é o caso do *Facebook*, *Twitter* e o antigo *Orkut*). Já os *sites* de redes sociais focados em atividades enfatizam a interação social através dos conteúdos específicos que lhes caracterizam, tendo, portanto, um foco temático para seus usuários. Há uma grande variedade de *sites* com esse viés, seja para ouvir música ou assistir vídeos (como o caso do *Youtube* - focado mais na postagem e visualização de vídeos do que propriamente nas interações interpessoais), namoro (*Badoo*, *Par Perfeito*, *Tinder*, entre outros), encontrar emprego (*LinkedIn*), etc.

Há casos, no entanto, em que as categorias citadas pelos autores podem se hibridizar, no sentido de haver uma intermediação entre as redes sociais focadas em pessoas e as redes sociais focadas em atividades, o que ocorre graças a atualização, sofisticação e convergência constante desses *sites*, que passam a oferecer ferramentas que possam dar conta de vários objetivos, como é o caso do *Youtube*, que além do serviço de postagem e visualização de vídeos, possui espaço também para a promoção de conversação, características que também são verificadas hoje no *Facebook* a partir da produção e compartilhamento de vídeos, não sendo mais restrito às trocas textuais e imagéticas.

Tratado de modo particular, tais *sites* de redes sociais mobilizam e fomentam a sociabilidade em seus diferentes níveis e formas, produzindo, eles mesmos, uma

³ Apesar de se constituírem como aplicativos e não propriamente sites de redes sociais, alguns fenômenos podem ser caracterizados como redes sociais (como o *WhatsApp* e *Telegram*), haja vista a dinâmica, os usos e apropriações que são feitos deles pelas pessoas.

variabilidade de redes sociais (de amizade, familiares, colegas de escola ou trabalho, etc.). Com o seu foco principal voltado para as pessoas e a constituição de laços, tais *sites* buscam representar ou dar continuidade as redes sociais anteriormente já existentes. Prova disso é o seu estímulo inicial a formação de amizades ou contatos com indivíduos ou conteúdos previamente conhecidos pelos sujeitos, de modo que aqueles que são desconhecidos são situados a margem da rede do indivíduo particular (Recuero, 2009).

As redes sociais na internet incentivam a produção de sociabilidades representando as conexões já existentes, tornando-as acessíveis também pela *web*. A sua ênfase é apresentar e motivar identidades que possam se relacionar em um ambiente confortável, privado e familiar. Tais aspectos são reforçados especialmente, segundo Keenan e Shiri (2009, p. 443), devido ao uso de nomes/identidades verdadeiras⁴ (pelo menos na maioria dos casos, já que os *sites* possuem, em sua maioria, uma política de combate aos perfis falsos), acesso restrito ao perfil (só tem acesso ao perfil completo do usuário aqueles que são seus amigos ou que são permitidos), ambiente social (obedecendo as características de uma *web* mais relacional, 2.0) e a interface de mídia simples (facilidade de navegação e usabilidade).

Com essas características, se observa desde a formatação e estrutura desses *sites* o trabalho em incentivar a sociabilidade, seja através de interações reativas, com o curtir (e suas variações) ou compartilhar; ou mútuas, quando há trocas relacionais mais elaboradas (como acontece nas conversações produzidas em espaços de comentários) (Primo, 2007). Muito do incentivo à sociabilidade ou ao aspecto relacional é proposto pelo *site* e se expressa pela sua arquitetura de rede ou design de interface⁵, e isto está posto desde o sentido de proximidade e intimidade que a rede propõe quando questiona na caixa de texto da sua página inicial “No que você está pensando, + nome do usuário?”, como acontece com o *Facebook* ou “O que está acontecendo?”, no caso do *Twitter*.

Possuindo uma diversidade de modalidades interativas que favorecem a emergência de sociabilidades (a partir das postagens nos perfis pessoais, comentários

⁴ A utilização pelo *Facebook* dos nomes verdadeiros dos usuários, por exemplo, se caracterizou conforme Keenan e Shiri (2009, p. 443) como uma novidade e marco para os *sites* de redes sociais, já que antes se tinha uma cultura de rede em que o uso de *nicknames* (apelidos) era constante.

⁵ Segundo Keenan e Shiri (2009, p. 441, tradução nossa), o design de interface “[...] rege como um usuário interage com esse sistema. Em termos de aplicativos *on-line*, o design da interface é a representação visual e a mecânica por trás de um sistema. Um design de interface ruim estraga a experiência de um usuário”. No original: “Interface design, the visual and structural design a system, governs how a user interacts with that system. In terms of online applications, interface design is both the visual representation and the behind-the-scenes mechanics of a system. system. A poor interface design ruins the experience of a user”.

realizados nas postagens de outros usuários, diálogos promovidos através de ferramentas destinadas para trocas particulares, etc.), constituindo-se como uma rede social abrangente e ao mesmo tempo singular, observa-se a possibilidade de emergência e manutenção de uma grande diversidade de sociabilidades, as quais, frente ao contexto atual, tornam-se cada vez mais frequentes e, mais do que isso, mais consolidadas, superando estereótipos ou preconceitos⁶.

A análise dessas sociabilidades aponta para a existência de um caráter mútuo (Primo, 2007) entre usuário-rede social e entre usuário-usuário, configurando trocas simbólicas que são efetivadas através das conversações estabelecidas no espaço direcionado para a produção de comentários ou nas ferramentas voltadas para a promoção de diálogos particulares. Essa sociabilidade tem a sua emergência quando determinado usuário comenta e revela a partir de sua produção discursiva determinado posicionamento sobre uma postagem ou mensagem inicial, o que logo fomenta a produção de outras trocas – seja em relação ao *post*, a mensagem ou como resposta a outros comentários – sendo estes exemplos de momentos em que as relações sociais emergem e dão espaço para as trocas que fundamentam formas específicas de sociabilidade.

Como sociação, se observam nessas trocas interações que se constituem na maior parte do tempo entre sujeitos que tanto podem possuir uma proximidade prévia e estarem interligados na rede por laços de amizade, ou não. Suas características podem apontar uma sociabilidade calcada na brevidade (interações por meio de comentários curtos), instantaneidade (se efetiva naquele espaço e parece não se estender para outros) e falta de interesse ou radicalidade que facilmente assume (o usuário pode, a qualquer momento, deixar de responder e dialogar com o outro), aspectos que remetem a algumas das discussões promovidas por Bauman (2004) sobre as relações sociais efetivadas através da internet, sobretudo acerca da maior facilidade de decomposição dos laços formados.

Nesse cenário, as características vistas por Bauman (2004) como “fragilidades” compõem um quadro em que as sociabilidades são contrastantes se comparadas com outras – principalmente as que são efetivadas em contextos face-a-face, mas, é válido ressaltar que estas não deixam também de ser sociações, pois apresentam formas – a

⁶ No atual cenário de pandemia, as trocas de mensagens por meio das redes sociotécnicas ganharam nova expressão, de modo que foram crescentes a quantidade de mensagens trocadas, seja por meio de texto, áudio ou videoconferências, o que indica o contexto como fator essencial para a constituição das formas de sociabilidade, as quais, como já mencionado, nunca são estanques.

conversa e a interação – e conteúdos – argumentação de concordância, discordância, aprofundamento das questões lançadas pelo *post* ou por outros usuários, particulares. Ao mesmo tempo – e apesar dos pontos citados – também podem ser forjadas sociabilidades que reforçam laços já existentes, reativam outros até então perdidos e, até mesmo, faz nascer novas relações sociais, as quais redimensionam o espaço da co-presença, o que demonstra uma multiplicidade de possibilidades e aponta para a necessidade olhares mais cuidadosos e menos generalistas.

Considerações finais

Em um cenário em que modelos de comportamentos e formas de ser e estar passar por modificações constantes, não é de se estranhar que as formas de estar com o outro, para o outro ou contra ou outro, as quais constituem o conceito de sociabilidade, também tenha passado por transformações. Neste artigo, olhar e refletir sobre essas mudanças foi o nosso principal interesse.

Para tanto, foi feito uso das reflexões desenvolvidas por Georg Simmel – teórico que já pressupunha em sua noção de sociabilidade mais do que a possibilidade de reconfiguração, a efetivação desse processo como algo natural, tendo em vista as mudanças pelas quais passa a própria sociedade – e outros autores que discutem hoje sobre a temática, contudo, pensando-a a partir de suas reconfigurações na sociedade contemporânea.

Com efeito, entendida como uma forma gratuita, lúdica e desinteressada de estar com o outro, a sociabilidade hoje é fruto de relações que se efetivam em uma multiplicidade de espaços e processos, o que a redimensiona, a transforma e a reconfigura, no entanto, sem perder a sua essência: o aspecto relacional, de troca e afetação no que diz respeito a relação de um sujeito com o outro. São, nesse sentido, sociabilidades constituídas mais do que pela necessidade, pelo prazer ou satisfação daí advindo. O estar com ou para o outro é, então, mobilizado pela necessidade de fazer parte, interagir, se posicionar frente a um debate, etc., agenciando modos de satisfação (gratuidade da relação) e ludicidade (as formas pelas quais os posicionamentos e interações se apresentam com vistas a cimentar o estar juntos) que demonstram reconfigurações importantes em relação a outras formas de sociação.

Nas redes sociotécnicas, há uma (re)apropriação desses elementos, o que é evidenciado desde a arquitetura dos diversos sites, redes e aplicativos, até as trocas que lá efetivamente se efetivam. Dessa forma, o que se observa são reconfigurações que buscam dar conta justamente dessa necessidade de estar com o outro, mesmo que isso

em um primeiro momento tenha parecido tão irreal ou distinto no que remete a outros modelos mais tradicionais. Diante disso, se evidencia a necessidade de se atentar para os aspectos apontados e suas transformações, pois com a ampliação das formas e modelos, torna-se ainda mais necessário se refletir sobre as formas de sociabilidade no momento presente, uma vez que elas dizem muito não só sobre as relações sociais, mas sobre a própria sociedade, suas estruturas e, especialmente, seus sujeitos.

Referências

- Allard, L. (2007). *Émergence des cultures expressives, d'Internet au mobile*. MédiaMorphoses, (21), 19-25.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Braga, A. (2011). Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, (9), ago./dez.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2003). *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Cebrián, J. L. (1999). *A rede: Como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação*. (L. M. Coelho, Trad.). São Paulo: Summus.
- Cipryano, C. P. (2013). *Nas travessias da interface: As novas formas da vida social em rede* (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Goffman, E. (1999). *A representação do eu na vida cotidiana*. (M. C. S. Raposo, Trad.; 8ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jenkins, H. (2008). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- Keenan, A., & Shiri, A. (2009). Sociability and social interaction on social networking websites. *Library Review*, 58(6).
- Lemos, A. (2015). *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. (7ª ed.). Porto Alegre: Sulina.
- Maffesoli, M. (1987). *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense.
- Marques, Â. C. S. (2009). A conversação informal na internet: Aspectos afetivos e políticos. *Anais do XVIII Encontro da Compós*. PUC-MG, Belo Horizonte, MG.
- Moraes Filho, E. (Org.). (1983). *Simmel: Sociologia*. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática.
- O'Reilly, T. (2005). *What is Web 2.0: Design patterns and business models for the next generation of software*. O'Reilly Publishing.
- Primo, A. (2007). O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E-Compós*, 9, 1-21. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/153/154>. Acesso em: 09 nov. 2019.
- Recuero, R. (2008). Práticas de sociabilidade em sites de redes sociais: Interação e capital social nos comentários dos fotologs. *Anais do XVII Encontro da Compós*. São Paulo, SP.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Santos, F. C. dos, & Cipryano, C. P. (2014). Redes sociais, redes de sociabilidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, 29(85).
- Shirky, C. (2010). *A cultura da participação: Criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Simmel, G. (1983). Sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura ou formal. In E. Moraes Filho (Org.), *Simmel: Sociologia* (pp. 65-82). São Paulo: Ática.
- Simmel, G. (2000). Culture of interaction. In D. Frisby & M. Featherstone (Eds.), *Simmel on culture* (pp. 43-57). Londres: Sage.
- Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Thompson, J. B. (2011). *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. (W. O. Brandão, Trad.; L. Avritzer, Rev.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Thompson, J. B. (2018). A interação mediada na era digital. *Matrizes*, 12(3), set./dez.

ABSTRACT:

The present work aims to promote reflections on the concept of sociability, paying special attention to its appropriations and reconfigurations with regard to its emergence in the context of sociotechnical networks, that is, to understand its manifestations and nuances in the context of the information society and network. To this end, discussions are held on this phenomenon, articulating the debates developed by Simmel (1983; 2000; 2006) and some of his commentators, as well as other authors who debate about this concept in the face of technological and informational processes that resize social relations, such as Castells (1999; 2003), Santos and Cipryano (2014), Recuero (2008; 2009), among others. In fact, it is observed that the changes around the sociability engendered in sociotechnical networks bring, despite the reconfigurations, the basic elements of their processes, which are reappropriated and favor their greater circulation and consolidation.

KEYWORDS: Sociability; Network sociability; Reconfigurations.

RESUMEN:

El presente trabajo tiene como objetivo promover reflexiones sobre el concepto de sociabilidad, prestando especial atención a sus apropiaciones y reconfiguraciones en cuanto a su emergencia en el contexto de las redes sociotécnicas, es decir, comprender sus manifestaciones y matices en el contexto de la sociedad de la información y la red. Para ello, se realizan discusiones sobre este fenómeno, articulando los debates desarrollados por Simmel (1983; 2000; 2006) y algunos de sus comentaristas, así como otros autores que debaten sobre este concepto frente a procesos tecnológicos e informativos que redimensionan las relaciones sociales, como Castells (1999; 2003), Santos y Cipryano (2014), Recuero (2008; 2009), entre otros. De hecho, se observa que los cambios en torno a la sociabilidad engendrados en las redes sociotécnicas traen, a pesar de las reconfiguraciones, los elementos básicos de sus procesos, que son reappropriados y favorecen su mayor circulación y consolidación.

PALABRAS CLAVE: Sociabilidad; Sociabilidad en la red; Reconfiguraciones.